

6.

As Primeiras-Damas na atualidade: Qualificação Técnica e Mediação Social.

Em todo o decorrer da História, verificamos que a figura feminina passou por transformações, principalmente aquela advinda dos movimentos feministas cujas reivindicações perpassavam pelo campo político, civil e social, como o direito de votar (sufrágio feminino), da escolarização e de exercer atividades profissionais.

Através da caridade, as mulheres tiveram a oportunidade de participação no espaço público e com o surgimento das profissões ditas femininas¹, houve avanços da escolarização à profissionalização feminina. A caridade fez a intermediação da profissionalização e a consciência de gênero.

Houve um longo caminho de conquistas, pois até a década de 1930, a mulher brasileira não podia sair de casa, ir às ruas, a não ser acompanhada. O direito de ir e vir foi sendo conquistado, mas não sem lutas e reivindicações.

Depois da Segunda Guerra Mundial, o contexto dos movimentos feministas e, principalmente, o movimento políticoeconômico dos anos 60 proporcionaram uma grande participação feminina na força de trabalho. Elas se profissionalizaram. Isto se deu não só porque as mulheres começaram a receber alguma remuneração que lhes dava condições de prover seu sustento e o de seus familiares, mas também porque passaram a perceber e aprender que a vida doméstica não era a única opção. Além disso, elas poderiam não mais depender economicamente dos homens.

Nos principais centros urbanos do contexto brasileiro, na década de 70, as mulheres compartilharam de práticas e ideias que contribuíram para derrubar a visão patriarcal que firmava a concepção de dependência feminina ao homem. As que haviam entrado na universidade, as que participavam de movimentos estudantis, políticos e culturais, as que ganharam sua independência financeira e

¹ Um exemplo foi o magistério que constituiu uma alternativa efetiva de educação e trabalho para as mulheres.

as que já detinham profissões passaram a rejeitar a relação hierárquica entre homens e mulheres.

A individualidade, o crescimento intelectual e a melhoria das condições materiais conquistados pelas mulheres favoreceram a igualdade entre marido e mulher e lhes deram oportunidade a melhores relações sociais, existenciais e, sobretudo, econômicas².

O trabalho remunerado implica uma mudança significativa no modo de vida das mulheres com qualificação profissional. Não só a expansão do mercado de trabalho, mas também a do sistema educacional brasileiro representaram exemplos nesse contexto, As mulheres passaram a ter condições de romper com o padrão de divisão sexual da geração de suas mães, que não trabalhavam remuneradamente, assim alteraram a organização da vida familiar.

Antes, o lugar da mulher, principalmente as da elite, era determinado pelo patriarcalismo, sendo os seus papéis claramente estabelecidos. Atualmente, deparamo-nos, como resultado de todo um processo de resistência que transformou pensamentos e práticas arraigados na consciência individual e coletiva, com uma maior participação das mulheres no espaço público, as quais tendem a se profissionalizarem cada vez mais.

Deste modo, permanecer no mercado de trabalho; conciliar a vida pública com a vida privada, deixando de ser apenas donas-de-casa, e atender às diversas solicitações dos *mundos diferenciados* significam um grande desafio para essas mulheres.

A exemplo disso podemos citar as mulheres primeiras-damas, que estão inseridas no espaço público e são responsáveis pela gestão da assistência em seus municípios.

A seguir vamos demonstrar o resultado da nossa pesquisa de campo, na qual foram realizadas as entrevistas semiestruturadas com as primeiras-damas dos municípios de Duque de Caxias, Mesquita, Nova Iguaçu, Niterói, Maricá, Tanguá e Iguaba Grande. Cabe ressaltar que as entrevistas ocorreram nos respectivos municípios e nos horários previamente acordados.

² A história mostrou que elas sempre contribuíram economicamente para o sustento da família, seja trabalhando no meio doméstico, seja exercendo alguma tarefa fora de casa.

Esclarecemos que, das primeiras-damas entrevistadas, somente duas estavam em seu primeiro mandato; as demais no segundo mandato dos seus esposos, na continuidade do seu trabalho.

Nesta fase da pesquisa, buscamos analisar os resultados das entrevistas a partir de sete eixos que consideramos importantes:

- 1- Formação Acadêmica
- 2- Atuação política
- 3- Área de atuação
- 4- Como se vê enquanto primeira-dama
- 5- Como acham que os outros a veem
- 6- Conciliação Família/Trabalho/maternidade
- 7- Como o esposo entende o trabalho atual (dela).

Cabe destacar que, durante as entrevistas, observamos que as primeiras-damas movimentaram-se traduzindo um discurso tranquilo, coerente e correto.

6.1.

As Primeiras-Damas Municipais

Deparamo-nos com aquelas que possuem um maior nível de formação acadêmica, independência financeira e profissional, além de competência profissional e técnica. Estas demonstraram sensibilidade aos programas sociais e se submetiam a executar programas coerentes com a política, principalmente, a assistencial que cada governo adota.

Observamos que algumas primeiras-damas acumulam mais de uma secretaria, como verificamos no quadro a seguir:

Primeiras damas	Secretaria/Projetos	Formação Acadêmica
Município de Niterói	Coordenadora de Projeto Federal	História- com Pós-Graduação em História do Brasil.
Município de Iguaba Grande	Secretária Municipal de Trabalho e Ação Social	Serviço Social
Município de Nova Iguaçu	Coordenadora de Projeto Municipal	Direito- com especialização em Direito Tributário.
Município de Mesquita	Secretária Municipal de Assistência Social e Trabalho	Letras- com Especialização em Literatura Infante Juvenil.
Município de Duque de Caxias	Secretária Municipal de Assistência Social	Formação em Ensino infantil
Município de Tanguá	Secretária Municipal de Assistência Social, Habitação e Renda.	Formação em Ensino Infantil
Município de Maricá	Não ocupa nenhum cargo	Jornalista e Psicóloga

Fonte: SILVA, L. dos S. Pesquisa de Campo- Rio de Janeiro- 2008/2009

Neste quadro podemos perceber que grande parte das primeiras-damas ocupa cargos ligados à assistência social, mesmo que a pasta seja igualmente de outras secretarias (Trabalho, Habitação, Renda).

Verificamos que duas primeiras-damas são responsáveis pela Coordenação de Projetos (Federal e Municipal) que constituem “carros-chefes” da área social da administração. Isso significa que foi entregue a elas o programa social prioritário da administração do esposo.

Apenas uma primeira-dama não ocupa cargo em nenhuma secretaria específica, porém, na entrevista, afirmou que transita por todas as secretarias e que os secretários a procuram, seja para mediar conflitos, seja para resolver questões junto ao seu esposo.

Quase todas as primeiras-damas possuem formação profissional, sendo algumas com pós-graduação. Isto significa que não se trata de mulheres “donas de casa”, e sim de mulheres preocupadas com uma educação continuada.

A)**O acesso ao cargo**

A maioria daquelas que ocupam cargos afirmaram que foram convidadas pelos seus esposos, os responsáveis pelo poder Executivo de cada município. Os prefeitos podem nos dar uma ideia de que a primeira-dama, pessoa de sua inteira confiança, possa dinamizar ou facilitar alguma situação nos meandros da política, sob a alegação principal da militância política que marcou a trajetória de quase todas as primeiras-damas entrevistadas.

“Então foi uma decisão dele, de me oferecer uma possibilidade de estar atuando desta forma. Sinto-me muito fortalecida por ele neste sentido, de saber que ele reconhece a minha capacidade de trabalho profissional e me dá oportunidade de, aqui na prefeitura, estar desempenhando esta tarefa.” (Primeira-dama de Nova Iguaçu)

“O meu marido me convidou, mesmo eu alegando que não era assistente social, mas ele alegou que eu tinha uma trajetória. É verdade! Desde 15/16 anos sou militante. Tenho acúmulo nessa área. Envolvida em movimentos sociais, acabei aceitando.” (Primeira-dama de Mesquita)

“Recebi o convite do meu marido para assumir a secretaria aqui de assistência social. (...) o meu marido é muito exigente e ele não me colocaria aqui somente por colocar. É porque ele sabe que pode confiar em mim, ele sabe que a responsabilidade que ele colocou em minhas mãos eu vou fazer o possível e o impossível, dar o melhor para que a gente venha alcançar o sucesso.” (Primeira-dama de Duque de Caxias)

Nos discursos das primeiras-damas entrevistadas, o convite ocorre porque acreditam que era natural, por conta da *tradição* da figura feminina.

“O que acontece, dentro do governo é que, geralmente a secretaria de assistência social é da primeira-dama. No geral, na maioria das vezes, n a

maioria dos lugares, é um lugar reservado para as primeiras-damas. (...) A primeira-dama ela tem um prestígio por ser a esposa do prefeito, independente dela ter um cargo público”. (Primeira-dama de Duque de Caxias)

“O convite aconteceu normalmente, eu não sei se é tradição ou em outros municípios acontece isso, porque a primeira-dama sempre é a secretária.” (Primeira-dama Tanguá).

Nesses discursos, percebemos como essas mulheres reagem a uma dimensão histórica colocada como valores verdadeiros integrados à sociedade, como se também justificasse a sua manutenção no cargo. As tradições se mantêm e constituem manifestações dos costumes.

No entender de Hobsbawn (1984), as tradições seriam regras aceitas que visam internalizar valores e normas de comportamento através da repetição. Ou seja, estas normas são impostas e manipuláveis de acordo com o que é importante para a sociedade vigente. *“É natural que qualquer prática social que tenha de ser muito repetida tendo, por conveniência e para maior eficiência, a gerar certo número de convenções e rotinas formalizadas de direito ou de fato.”* (1984, p.11).

Outro fator importante é a demonstração da valorização do trabalho das primeiras-damas pelos esposos.

“Então ele valoriza, ele está sempre usando a secretaria como exemplo de sucesso.” (Primeira-dama de Iguaba Grande).

“Nunca tive coragem de perguntar, mas a partir da fala dele, nos espaços... Em todos os espaços públicos, quando ele fala, ele cita duas secretarias: a assistência e a educação.” (Primeira-dama de Mesquita).

B)**Trajatória Política como “legitimação” para o cargo**

Achamos importante ressaltar que a maioria das entrevistadas alegam possuir trajetória política, algumas participando ativamente da luta sindical para melhores condições de trabalho, e outras, militantes desde estudantes, de grêmios e campanhas, de movimentos sociais, acreditando na possibilidade de uma transformação social. No entendimento delas, ter participado de movimentos políticos e sociais fazem parte do trabalho na área social.

“Participei da luta sindical, pela anistia, Diretas Já. (...) Participei na construção do sindicato dos professores pelo interior do estado do Rio. Lecionei em várias instituições de ensino e continuei no movimento do SEPE por melhores condições de trabalho e salários. Não foi mole. Sempre fui atuante na política do PT. A minha casa sempre foi ponto de encontro das discussões; tínhamos uma pauta para melhores condições de trabalho. Esta era uma reivindicação do magistério. E a discussão era política demais. E era o local onde muitas das vezes produzíamos os jornais. Participei da luta sindical. Nós sofremos repressão, mas o movimento evoluiu (...)” (Primeira-dama de Niterói)

“(...) sempre fui militante. Atuei no Grupo Jovem da Igreja, associação de moradores, que na época era um movimento muito forte. Tivemos algumas atuações bem importantes no bairro onde a gente vive hoje. E pensamos que a nossa atuação era muito restrita, precisávamos ter uma atuação mais no nível social. Para a política foi um pulo.” (Primeira-dama de Mesquita).

“(...) a minha mãe foi uma das fundadoras do PT e desde muito nova militava no PT. Participei e fiz muitas campanhas. Participava do grêmio, no ensino fundamental e médio, e desde muito nova militava no PT. Participei e fiz muitas campanhas. Participava do CA da faculdade. A atuação política faz parte da minha história de vida. A forma como a gente olha... Eu acho que você pode desenvolver um olhar realmente mais atento a um potencial transformador na alteração da realidade social. Aquilo em que a gente acreditava, quando da

militância em movimentos sociais, é que faz um pouco a diferença, de como agente olha o papel das políticas públicas”. (Primeira-dama de Nova Iguaçu)

Mais uma vez percebemos que no entendimento delas, ter participado de movimentos políticos e sociais faz parte do trabalho da área social. Em sua maioria, demonstraram conhecimento e prática na área da assistência social enquanto política pública, e nos seus desmembramentos. Com exceção de uma entrevistada, a primeira-dama que é assistente social, que informou não ter sido militante em nenhum momento da sua vida, alegando que o convite ocorreu por conta da sua profissão.

A maioria das primeiras-damas entrevistadas são filiadas ao Partido dos Trabalhadores-PT³. O nascimento deste partido foi um acontecimento importante no cenário político brasileiro, tornando-se, então, o principal partido de oposição do país e da história da luta de classes, na sociedade brasileira. Teve um caráter inédito por romper com as tradições partidárias existentes. “(...) *o PT surgiu de um momento político novo e de uma experiência política de profunda resistência, assim como de uma original ruptura histórica com a antiga e viciada política paternalista sobre a classe trabalhadora...*” (Gadotti *apud* Garcia, 2001, p.18).

Esta descoberta ocorreu na fase da análise dos dados da pesquisa, e sinalizamos que em nenhum momento houve direcionamento nas marcações das

³ O PT nasceu em 10/02/1980, aproveitando o contexto de distensão política com abertura lenta, gradual e democrática, favorecendo os movimentos dos trabalhadores sob outra dimensão-trabalhando a autonomia dos trabalhadores, na negociação entre empregador e empregado. Foram o resultado de movimentos de diferentes pensamentos ideológicos como movimentos populares, urbanos, organizações de esquerda, intelectuais (Francisco de Oliveira, Paul Singer, Francisco Weffort) e políticos, todos participaram da construção do partido, que teve como figura representativa o sindicalista Luiz Inácio Lula da Silva. Ver Cyro Garcia. *Partido dos Trabalhadores: rompendo com a lógica da diferença*. Dissertação de Mestrado-UFF/2000; Rachel Meneguello. *PT: a formação de um partido* (1982-1989), Paz e Terra/ 1989; Elio Gaspari. *A Ditadura Encurralada*. Cia das Letras/2004; Ricardo Antunes. *O Novo Sindicalismo*. Editora Brasil Urgente, 1991 e Gislene Edwiges de Lacerda, com o artigo, da Revista Virtú, “*O surgimento do Partido dos Trabalhadores: uma análise de documento histórico de sua pré-fundação*”. Disponíveis em: WWW.virtu.ufjf.br/artigo7a22.pdf. Acesso: 08 janeiro 2009.

No final da década de 70, com o início da distensão política, novos movimentos surgiram e entrou em cena a população com toda a sua expressão e se fortalece. Um exemplo destas mobilizações foi a dos trabalhadores, que lutaram por um novo sindicalismo, não aquele da ditadura militar que beneficiou somente a classe dominante e que deram origem ao Partido dos Trabalhadores, mas a outros movimentos, como os de negros, de gênero, direitos do consumidor, alas progressistas da igreja como a Teologia da Libertação e as pastorais, bem como as Comunidades Eclesiais de Base, o movimento pela anistia, movimentos de direitos humanos, principalmente o movimento dos professores universitários, em busca de um novo sindicalismo, mais combativo.

entrevistas para o viés de cunho partidário. “*A militância é permeada por um conjunto de elementos como as relações de poder, as utopias, os conflitos, as práticas, os discursos, as conquistas...*” (Sena, 2004, p.129).

Duas entrevistadas não participam diretamente de qualquer secretaria, em respeito à lei antinepotismo e à decisão do seu partido.

“*Foi oferecida a Secretaria de Educação, mas não aceitei por ser contrária ao nepotismo. Teve peso o fato do PT ter uma crítica sobre o nepotismo.*” (Primeira-dama de Niterói).

“*O meu marido, como prefeito não nomeou parente nenhum na prefeitura. (...) A questão é delicada, tem a questão do nepotismo, porque dar a preferência ao **parente que é a esposa, esposa não é parente, mas é parente.***” (Primeira-dama de Maricá).

Durante o período dos acompanhamentos destas mulheres, e durante a campanha no período eleitoral, não vimos ou percebemos participações destas em nenhum comício, passeata ou evento. Com exceção da primeira-dama do Município de Nova Iguaçu que veio ao programa de TV falar do projeto, do qual era responsável.

C)

A preocupação com a imagem

As entrevistadas afirmavam que os esposos as valorizam e dão apoio aos seus trabalhos. Sem dúvida esse fato acaba sendo uma via de mão dupla: ele é o maior incentivador do trabalho da primeira-dama, logo, esta, por sua vez, ao fazer um bom trabalho, transmite a imagem daquela que é uma boa mãe, esposa, profissional e, conseqüentemente, uma sustentação de poder ao marido e possível estratégia para a manutenção do cargo.

Segundo Silva, “*a noção de imagem pressupõe a existência de uma realidade que a imagem simplesmente reproduz*” (1998, p.06). O conceito de imagem está intimamente ligado à reprodução e ao reflexo da realidade. Ela

mantém uma relação de passividade, ou seja, simplesmente se limita a reproduzir a realidade, do que é apresentado.

Para Torres (2002), as imagens são formas pelas quais os sujeitos sociais percebem a vida social, são representações que se constroem no cotidiano desses sujeitos e que passam a fazer parte do mundo imaginário.

“(...) eu tenho que passar a imagem de uma esposa, de uma boa mãe, de uma cidadã, de uma boa secretária, de uma boa companheira do meu marido, eu tenho que ajudá-lo politicamente, porque as minhas atitudes passam... eu agindo corretamente as pessoas vão sentir orgulho das minhas atitudes, da minha maneira de ser, com as pessoas, então isso já reverte em voto pra ele. A minha imagem passa a ser a imagem dele, tudo que faço reflete para ele, tanto positivo, como negativo.” (Primeira-dama de Duque de Caxias)

“Qual é a imagem da primeira dama? É aquela mulher boa mãe, boa trabalhadora, bondosa, que vai dar tudo pra todo mundo, assistencialismo, que vai dedicar o seu tempo...” (Primeira-dama de Maricá).

Conforme relato na primeira fala, a ideia da imagem nos remete a um reflexo do que “desejo” demonstrar. *“A imagem no espelho é o reflexo de certo grau de identidade do real, pode encobrir ou deformar essa realidade.”* (Sodré, 1984, p.29). O que seria o real e o imaginário? É como o povo a vê e se extasia ante a possibilidade de ouvir, ver, admirar, tocar. E é neste ponto que devemos ter cuidado para que não se traduza em manipulação ideológica e política.

D)

A Gestão da Política de Assistência

No discurso da maioria das entrevistadas, percebe-se que não há mais espaço para o assistencialismo e, sim, a implementação da assistência enquanto política pública, baseada nos direitos, inclusão e universalidade, estabelecidos na Constituição/88 e na LOAS/93.

Verificamos que as primeiras-damas possuem a percepção de que há necessidade de implementar a política pública de assistência, de acordo com a NOB/SUAS e que elas demonstram o conhecimento desta lei.

“Porque a nossa secretaria cresceu muito, mas muito. Nós não tínhamos um milésimo do que a gente tem hoje. Tudo funcionava em um espaço aqui, próximo à Dutra. Mesquita é tocada pela linha férrea. Era muito complicado. As pessoas tinham que se locomoverem para qualquer serviço de assistência, tinham que vir para cá, no final da cidade. E a gente descentralizou estes serviços. Nós temos cinco CRAS espalhados e distribuídos pela cidade. As pessoas saem das suas casas e rapidamente elas têm acesso aos serviços, à atual política de assistência. (...) Implantamos as Cozinhas Comunitárias, o Banco de Alimentos, ProJovem, ProJovem Urbano, o Presol- Centro de Referência da Economia Solidária, Feira Solidária; temos muitos cursos profissionalizantes,, não conseguimos o PETI. (...) Renomeamos a secretaria, porque “ação” (social) não condiz mais com a nova legislação.” (Primeira-dama de Mesquita).

“(...) fomos a uma reunião sobre o Programa Bolsa família, em Cabo Frio. E tivemos uma aula. O Eduardo Suplicy foi um espetáculo! E a 2ª palestra, com Fernando William, parece que direcionou para Iguaba. Ele falou que o gestor da assistência hoje, se não tiver conhecimento da Política de Assistência, do SUAS, do funcionamento dos CRAS, ele está perdido na assistência. (...) Eu já fui a alguns eventos de outras primeiras-damas, o Dia da Beleza no meio da praça. Isso não leva a nada. Eu não trabalho assim. Dentro do PAIF tem profissional, no Centro de Referência do Idoso tem cabeleireiro. Você trabalha os grupos separados. Prefiro capacitar a pessoas. Não preciso fazer criar obra social da primeira- dama.” (Primeira-dama de Iguaba Grande).

“O meu papel sempre foi o da gestão das políticas públicas para que elas tenham mais eficácia, não simplesmente na execução da política setorial de assistência social. (...) Tenho dificuldades de entender de fato o papel da primeira-dama, mas fico pensando que ações seriam hoje, que não são de políticas públicas. Ou seriam apenas ações de representatividade. (de apoio ao marido). A política de assistência já conquistou tanto que não consigo visualizar

ações da primeira-dama que não sejam de políticas públicas. O que se daria para as primeiras-damas? Qual seria a contribuição delas? (Primeira-dama de Nova Iguaçu).

Destacamos as observações da primeira-dama de Nova Iguaçu que questiona as ações da primeira-dama sem que sejam aquelas com respaldo na Política de Assistência Social e no SUAS, enquanto direito?

Estes discursos demonstram que as primeiras-damas reconhecem a importância da implementação do SUAS, enquanto inovações legais estabelecidas pela CF/88, e a necessidade da consolidação de uma política de assistência, que seja capaz de modificar o legado de práticas baseadas na ajuda, na filantropia e no clientelismo.

E)

O Preconceito em relação à condição de primeira-dama

Do conjunto das entrevistadas, ao indagarmos como se sentem no cargo de primeira-dama, elas se deparam com um misto de sentimentos entre assumir o papel que lhes fora concedido — o da primeira-dama, pela construção histórica, e daquela responsável pela política de assistência, o da secretária e da coordenação de algum projeto.

O rótulo “primeira-dama” parece estar “camuflado” de significações as quais, em grande parte, são “rejeitadas” pelas entrevistadas. Obviamente que para mulheres profissionalizadas, com trajetória de militância política, tais dimensões são, pelo menos no nível do discurso consciente, rejeitadas ou desqualificadas.

“A única função minha enquanto primeira dama é acompanhar o meu marido nos eventos dele. Porque eu separo muito isso, até porque brigo muito pela assistência. (...) por não aceitar indicação de vereador, fui crucificada, e falei que não vou mudar minha postura. Falei com o meu marido: ou você aceita a minha maneira de ser ou me tira, vou ser só primeira dama. (...) Eu não tenho ações específicas da primeira-dama” (Primeira-dama de Iguaba Grande)

*“Negava sempre este rótulo. Nunca gostei do rótulo de primeira-dama. Sou **fulana**. Sou secretária. Não estou aqui por acaso... só por que sou casada. (...) Isto para mim é muito **difuso**.”* (Primeira-dama de Mesquita).

Percebemos que para as entrevistadas ainda é difícil internalizar este “novo” papel de primeira-dama, dada as conotações negativas relacionadas a sua construção histórica, ideológica que permanece no imaginário popular.

Para aquelas com trajetória política anterior ao cargo atual, há um misto de rejeição pela denominação “primeira-dama”, o que demonstra um conflito interno diante de um termo que antes, provavelmente, era pauta para discussões e críticas.

Acreditamos que não tenha sido fácil para estas mulheres, principalmente aquelas com história de uma trajetória política, depararem-se com a realidade de ser uma primeira-dama e objetivamente, assimilar que é real. Nas falas, podemos perceber que há uma ambiguidade entre o real, o concreto e o discurso político que sempre questionaram.

F)

Dimensão familiar

Verificamos que, com exceção de duas entrevistadas (com três e quatro filhos), as primeiras-damas possuem um número reduzido de filhos; o que nos mostra uma das características da nova configuração de família. De fato, nos últimos anos ocorreram mudanças significativas no padrão demográfico na realidade brasileira. O número reduzido de filhos, sobretudo nas grandes cidades e nas regiões mais desenvolvidas, tem sido relacionado com a entrada das mulheres no mercado de trabalho.

Outros elementos que destacamos são as mudanças de costumes e hábitos e na nova posição das mulheres na sociedade brasileira, principalmente, no espaço do mercado de trabalho.⁴

⁴ Para um maior aprofundamento nos estudos sobre a família e a sua nova configuração, ver MIOTO, Regina Célia Tamasso. “Família e Serviço Social”. In: Revista Serviço Social e Sociedade, Cortes Editora, nº 55.

Primeiras-damas (Municípios)	Família (Filhos/Netos)
Niterói	2 filhos e 1 neto
Iguaba Grande	3 filhos e 1 neta
Nova Iguaçu	1 filho
Mesquita	1 filha
Duque de Caxias	1 filho
Tanguá	4 filhas e 1 neta
Maricá	1 Filho

Fonte: SILVA, L. dos S. Pesquisa de Campo- Rio de Janeiro/ 2008/2009

Contudo as mulheres carregam consigo um acréscimo de responsabilidades, pois administram a casa, os filhos, o trabalho, o casamento.

Para algumas primeiras-damas, as mulheres têm estado muito sobrecarregadas, uma vez que têm que dar conta da condição de mãe, profissional e esposa ao mesmo tempo. Quando indagadas como conciliavam trabalho e maternidade, foram enfáticas ao afirmar que “não foi fácil conciliar” as responsabilidades. Este terminou sendo um discurso legitimado e socialmente aceito.

“A mulher é muito sobrecarregada. Acho que temos avançado nas conquistas dos nossos direitos. Hoje nós temos a participação dos homens, um pouco maior nas tarefas familiares, na educação dos filhos. Mas não tenho a menor dúvida de que a coisa ainda estoura em cima da mulher. Sem dúvidas, a mulher conquistou mais direitos, mas não se livrou dos deveres.” (Primeira-dama de Nova Iguaçu)

“Complicadíssimo conciliar maternidade/família/trabalho. Sempre tive uma vida muito agitada por conta da militância, sempre estudei, trabalhei. Os primeiros anos de X foram anos bem difíceis. Era mulher, profissional, mãe, militante, mulher de deputado.” (Primeira-dama de Mesquita)

“A gente ficava a mil para conciliar maternidade e trabalho. Era difícil, mas a gente tentava. Elas eram pequenas e acompanhavam as reuniões da câmara. Cresceram nesta luta.” (Primeira-dama de Tanguá).

É importante destacar a diferença entre as condições dessas primeiras-damas e as de sua percussora Darcy Vargas. Esta assumiu a condição da figura materna e somente iniciou a sua vida pública, através da assistência, após a educação dos filhos. Cada responsabilidade era a seu tempo e não ao mesmo tempo. *“Ela cumpriu o perfil feminino que lhe fora desenhado pela família, sociedade, cultura e época em que viveu (...)”* (Simili: 2008 p.19) e grande parte da sua imagem social se fundamentou neste fato: ser uma grande mãe.

G)

Profissão: Mãe e Primeira-Dama

Podemos dizer que a trajetória feminina sempre foi marcada pela dominação e subordinação, desde que se desejava que acreditassem na diferença entre o homem e a mulher, entre o macho e a fêmea. Foi construída na sociedade uma identidade social, onde à mulher coube a fragilidade, a emoção, resignação, além da sua natureza maternal imbuída de sentimentos carregados de missão ou destino das mulheres. No entender das mulheres, todo este discurso que perpassou uma trajetória histórica nada mais seria do que inerente a elas.

Diante dos relatos, pudemos observar que a mulher continua sendo responsável pela administração da casa, pelas atividades laborativas, pela educação dos filhos e na árdua tarefa de conciliar o papel da mulher com outras responsabilidades assumidas, enfim, vivendo diferentes papéis sociais.

“Acho que não existe outra forma de ser. A mulher ela estuda, trabalha, ela tem vida afetiva. Ela tem parceiros, filhos, e isso tudo faz parte da vida dela. E dou conta. É tudo ao mesmo tempo.” (Primeira-dama de Nova Iguaçu).

“Consegui conciliar. Era difícil, mas a gente tentava. (...) quando o pai era vereador, elas eram pequenas e acompanhavam as reuniões da câmara, cresceram nesta luta.” (Primeira-dama de Tanguá).

*“Eu sou mãe, sou mulher, eu tenho problemas que todos têm em casa, tenho que administrar a casa, tem que ver a empregada, tem que ir ao mercado, ver o almoço, **as coisas naturais da vida.**”* (Primeira-dama de Maricá)

Porém, mesmo cientes das dificuldades enfrentadas por conta da imposição ideológica às mulheres, principalmente no que diz respeito à maternidade, como já vimos, elas foram enfáticas em afirmar que, no interior desta construção histórica, elas cumprem o papel que foi colocado para elas.

“Sou uma mãe presente pra caramba e sempre trabalhei! Sempre; nunca fiquei sem trabalhar! Fiquei sem trabalhar um ano, porque me senti culpada e fui péssima mãe! Eu voltei a trabalhar integral agora, depois que estão maiores! Nunca faltei à festinha de mães, reuniões de escola!”. (Primeira-dama de Iguaba Grande)

“Sempre deu para acompanhar os filhos. Participava de reuniões na escola e sempre fui presente na vida deles. Vim de uma geração onde eles acompanhavam os pais no que fosse possível na luta política. Meus filhos nos acompanhavam! Dava para conciliar, mas não era fácil! Difícil como todas as pessoas que trabalham e possuem filhos.” (Primeira-dama de Niterói)

H)

Acessibilidade e Mediação Social

Neste quesito, a maioria das entrevistadas foi categórica ao colocar o quanto elas se consideram acessíveis perante a população. Neste caso podemos analisar a acessibilidade sob o parâmetro da sustentação do poder tendo como estratégia política a figura feminina, historicamente construída como aquela pessoa atenciosa, que atende a todos incomensuravelmente. As primeiras-damas,

na realidade, transitam entre a identificação com as classes populares e o prestígio junto àquela figura legitimada e representativa que se encontra no poder, seu esposo.

“(...) eu sei que sou observada. Hoje eu não posso ir ao supermercado livremente, à farmácia. Você passa, as pessoas te olham, como se fosse uma artista! Outro dia abracei uma menina que estava me olhando tanto, que me deu no coração dar um abraço! – Nossa, você me abraçou!” (Primeira-dama de Duque de Caxias).

“Sou muito conhecida. Antes de o meu marido ser prefeito. Essa coisa de ser dona de casa que conhece o jornalista, que vai ao supermercado, padaria. (...) as pessoas te conhecem, inclusive, pelo nome. (...) E as pessoas me abordam muito mais que ao prefeito, para pedir. É mais fácil, é o contato com ele.” (Primeira-dama de Niterói)

“A acessibilidade das pessoas, isso eu gosto. Sempre trabalhei com grupos, com pessoas, aí tem esta história de que sou acessível, porque o meu telefone vai para todo mundo, meu celular também. Em casa é um entra e sai pra caramba.” (Primeira-dama de Mesquita)

“Porque querendo ou não, as pessoas pedem ajuda para resolver algum problema. Acabo virando um receptor muito grande. Tenho que fazer uma triagem. As pessoas chegam até a mim! Sou sempre receptiva! Aí eu digo: olha, eu não trabalho na prefeitura!” (Primeira-dama de Maricá)

Qual é a identidade de uma primeira-dama? Também podemos afirmar que ela é uma mediadora em potencial de diferentes mundos, de comportamentos, de hábitos, de relações sociais. Este pode ser um dos papéis construídos para que a primeira-dama o desempenhe estrategicamente; por ocupar uma posição historicamente construída, visto que tem a sua imagem de figura feminina no interior de uma cultura política, ainda ligada à assistência da forma como é conduzida.

Podemos afirmar que a mediação é representada por um mediador de conflitos para encontrar a consensualidade entre partes envolvidas, construindo um espaço de conciliação. Porém, na vida social, este universo de relações e significados é transpassado pela desigualdade de regras, valores e visões de mundo, que terminam como formas ideológicas de dominação.

O trabalho dos assim mediadores técnicos ou profissionais não se limita a aplicar leis, regulamentos e normas. Eles articulam fragmentos de significados produzidos em contextos diversos e diferenciados, escutam demandas, apoiam-nas, legitimam-nas ou as condenam. (...) Por uma ação de bricolagem, pela acumulação de pequenos detalhes, eles administram acasos e elaboram respostas legítimas à ineficácia institucional e à falta de recurso. (Neves, 2008, p.29/30)

Para Velho (2001), “*mediação é um fenômeno cultural*”, ou seja, ele explicita que os estudos sobre a mediação permitem verificar como as interações ocorrem em contextos diferentes. Para ele, quando certo indivíduo, conscientemente, transita entre realidades, grupos e culturas diferentes, entre códigos e mundos distintos, defronta-se com o que ele denomina de mediação.

Os mediadores estabelecem canais de comunicação com a sociedade civil, onde eles desejam implementar a sua prática e, através destes canais, permitirem que a sociedade interaja com eles, permanentemente. Para o autor, na verdade, este panorama “*Trata-se do universo das relações de poder, onde os políticos desempenham o crucial papel de mediadores.*” (Velho, 2001, p.26). Em uma sociedade desigual, estes mediadores designados se apropriam desta realidade para manter o status quo⁵. Além disso, “*(...) são valorizados temas e conjuntos de interesses que são capazes de gerar fontes de prestígio e honra social, além de possíveis canais de mobilidade social.*” (id,ibid) .

Estar inserida neste contexto traz para a primeira- dama a ideia de que ela seja uma mediadora. É mostrada uma chancela do poder que perpassa as relações sociais. Este poder não é diferente quando a primeira-dama é procurada por alguns secretários que solicitam que ela seja a intermediária entre eles e o prefeito.

⁵ Cabe esclarecer que o livro de Gilberto Velho, no qual nos debruçamos, trata dos mediadores culturais, que transitam nas camadas populares, mas que transformam e alteram fronteiras, temos como exemplo: a capoeira, o carnavalesco, o forró.

“Acham que a mulher do prefeito é mais fácil. É um contato com ele. Até as pessoas do governo, do secretariado dizem assim: É que estou com dificuldades, estou falando com você, você fala com ele e depois você me dá o retorno” (Primeira-dama de Niterói).

“Graças a Deus, ainda não vi nenhuma atitude machista. Eu tenho um acesso muito fácil no meu município, eu tenho uma abertura grande da nossa população, dos nossos secretários, com o meu marido, com os vereadores.” (Primeira-dama de Duque de Caxias)

“Pela facilidade, relaciono bem com todas as secretarias, como todos os secretários.” (Primeira-dama de Tanguá)

“Como primeira-dama, o meu papel é encaminhar, perceber! Às vezes vou direto ao secretário que pede para aguardar! (...) É o problema estrutural público e os problemas de funcionamento, administração, relação, essas coisas que a gente tem que ajudar. Eu circulo em todos os espaços. Esta é a vantagem de não estar na secretaria, é que eu fico com liberdade política maior. Antes do prefeito fico sabendo de uma demanda de coisas que têm que ser resolvidas. A gente acaba resolvendo. Tem coisas que tento resolver, outras eu não levo ao conhecimento dele e outras que acho que é importante dizer. Aí uso do privilégio de ser primeira dama e ele sabe disso”. (Primeira-dama de Maricá)

A questão do poder torna-se evidente quando analisamos estas falas. Seguindo a linha de pensamento de Gilberto Velho (2001), no interior das mediações é desenvolvido o poder, e é revestido dele que os mediadores transitam entre as classes pobres e aquelas com as quais se identificam.

Neste contexto, as primeiras-damas possuem maior habilidade para atuar como mediadoras entre o poder público e diferentes segmentos da população. Este poder (público) expresso de várias formas, é legitimado e revestido de aceitação e está nas relações sociais, que são múltiplas e contínuas. Elas podem facilmente transitar nesse universo das relações sociais e das significações, logo podem ser designadas de mediadoras sociais que se articulam e intervêm quando necessário.

Nas relações, tem-se o poder sobre a ação sem estar diretamente agindo sobre o sujeito e isso se dá de forma mascarada. O poder não precisa estar explícito para se exercido. Ao contrário, ele tem mais influência quando exercido sem chocar, sem ferir diretamente, em uma espécie de convencimento de naturalização. (Pereira, s/d, p. 11).

O discurso apresentado ressalta uma pretensa horizontalidade que acaba ocultando uma realidade mais complexa. Também percebemos que, para as classes populares, as primeiras-damas que, de alguma maneira, estão no poder, são celebridades às quais podem ter acesso, como se mantivessem uma interação permanente. Esta visibilidade pública traz o reconhecimento do outro. “*Ser visto pelo outro social implica em reconhecimento e respeito.*” (Sodré & Paiva, 2004, p. 133).

“(...) porque eu tenho que passar a imagem de uma esposa, de uma boa mãe, de uma cidadã, de uma boa secretária, eu tenho que ajudá-lo politicamente, porque eu... as minhas atitudes passam... eu agindo corretamente as pessoas vão sentir orgulho de que seu seja a primeira dama, não só o meu marido, mas as pessoas, então isso já reverte em votos pra ele. A minha imagem passa a ser a imagem dele, tudo o que faço reflete pra ele.” (Primeira-dama de Duque de Caxias).

Este reconhecimento implica em ser famoso, que por sua vez pode tornar-se uma mercadoria de troca. Que imagem eu vendo? Sinalizamos que a mídia reforça a imagem da celebridade que chama atenção para si mesma, agenciando a própria imagem na intenção de uma boa relação social com a população.

Não trocam idéias. Trocam imagens. Não argumentam com proposições; argumentam como boa aparência, celebridades. É como se apenas a visibilidade pública agregasse valor ético ou existencial às subjetividades. (Sodré & Paiva, 2004, p. 134).

A celebridade agrega valores e identidades e transforma-se em uma personalidade socialmente reconhecida. Não podemos dissociar a figura da celebridade com o conceito de mediação, pois segundo Sodré (1984, p.20), “a

celebridade é experimentada com um novo tipo de mediação social”. No imaginário social, a imagem da celebridade é o reflexo do real, a identidade da figura importante que está sendo mostrada, e que pode ser vista, admirada, endeusada com tamanha intensidade, que a sociedade não percebe a imagem que poder ser “(...) *algo que, ao mesmo tempo, é e não é, existe e não existe.*” (Sodré, 1984, p.44).

As mulheres possuem poderes que permeiam as relações e se manifestam no cotidiano⁶. Segundo Perrot “*No plural ele se estilhaça em fragmentos múltiplos, equivalentes influências difusas e periféricas, onde as mulheres têm a sua grande parcela.*” (1988, p. 167). No caso do primeiro damismo, ele transformou-se em um dos cargos de maior expressão, influência e poder, tomando papel de destaque.

No curso desta exposição, assinalamos que as primeiras-damas também possuem e detêm certo poder de pressão junto à ação do governo. Este é o grande desafio que nos é apresentado e que temos que enfrentar.

⁶ Ter filhos, cuidar da casa e dos filhos, cuidar da administração da casa (educação, alimentação, etc).